

O SUBSOLO DE UM E DE OUTRO

FREUD EM DOSTOIÉVSKI OU DOSTOIÉVSKI EM FREUD?

*Bruno Wagner D'Almeida de Souza Santana**

RESUMO

Vangloria-se da sua consciência, mas, na realidade, apenas vacila, pois, embora o seu cérebro funcione, o seu coração está obscurecido pela perversão, e, sem um coração puro, não pode haver consciência plena correta. E que capacidade de importunar, que insistência, como careteia! Mentira, mentira, mentira!

Palavras-chave: Dostoiévski. Freud. Subsolo.

Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora;
Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Subjetividade e Cultura coordenado pela Professora Dr^a. Denise.
E-mail : secichl@ichl.ufjf.br

Vangloria-se da sua consciência, mas, na realidade, apenas vacila, pois, embora o seu cérebro funcione, o seu coração está obscurecido pela perversão, e, sem um coração puro, não pode haver consciência plena correta. E que capacidade de importunar, que insistência, como careteia! Mentira, mentira, mentira!

F.Dostoievski ,Memórias do Subsolo.

1 INTRODUÇÃO

Freud nunca teve grande afeição pelos filósofos; ao contrário, ele foi um grande opositor das teorias que pretendiam obter um conhecimento pleno do homem, mas que, talvez sem o saber, cada vez mais se distanciavam do próprio homem em sua dimensão real; exemplo disso foi o sistema totalizante de Hegel (BIRMAN, 2003, p.50), onde tudo, inclusive o sujeito, era um mero momento da dialética que culminaria no Absoluto.

E apesar de ser neurofisiologista, podemos afirmar também que Freud se distanciou bastante da medicina ao colocar a hipótese do inconsciente em cena, subvertendo dessa maneira a tradição cartesiana que apostava na consciência, no primado da razão, enquanto dimensão que nos confirmaria a realidade da existência humana e nos possibilitaria o acesso à Verdade; nesse mesmo momento, Freud subverte também com a ciência e seu comprometimento com a empiricidade, pois o inconsciente, por ele proposto, não pode ser percebido a olho nu, mas apenas indiretamente, através do que a psicanálise preferiu chamar de formações do inconsciente: chistes, atos falhos, sonhos e sintomas.

Sendo assim, se não foi tanto pelo viés da filosofia e nem da ciência, quais produções podem ter contribuído para que Freud viesse a elaborar a idéia de Inconsciente? É

sabido que antes mesmo de Freud podemos encontrar presente a idéia de que a vida psíquica não se identifica unicamente com a consciência. Isso já estava presente, de alguma forma, em Schopenhauer, e no período romântico era uma idéia corrente. No entanto, Freud virá para radicalizar essa idéia; a partir de agora, o inconsciente não é apenas a negação da consciência, para que se possa prevalecer o biológico, como pensava Schopenhauer, e nem mesmo uma terra que pode ser conhecida pela intuição, uma genialidade criadora, uma espécie de racionalidade especialíssima que só os grandes homens têm, como acreditava o romantismo (DAVID, 2003, p.24). Não. A partir de Freud, o Inconsciente passa a ser uma instância psíquica com leis próprias, regida pelo imperativo da satisfação e que, a todo momento, quer irromper na consciência e, para tanto, romper com o recalque. Nele, no inconsciente, estaria tudo aquilo que diz respeito ao próprio sujeito, mas que o eu (a consciência) não pode e na maioria das vezes não quer reconhecer. Enfim, na tentativa de melhor explicar o que venha a ser o Inconsciente em Freud, vos remeto a um trecho da obra de F. Dostoiévski (1821-1881), *Memórias do Subsolo*:

Existem nas recordações de todo homem coisas que ele só revela aos seus amigos. Há outras que não revela mesmo aos amigos, mas apenas a si próprio, e assim mesmo em grande segredo. Mas também há, finalmente, coisas que o homem tem medo de desvendar até de si próprio; e, em cada homem honesto, acumula-se um número bastante considerável de coisas do gênero. E acontece até o seguinte: quanto mais honesto é o homem, mais coisas assim ele possui. Pelo menos, eu mesmo só recentemente me decidi a lembrar as minhas aventuras passadas e, até hoje, sempre as contornei com alguma inquietação. Mas agora, que não lembro apenas, mas até mesmo resolvi anotar, agora quero justamente verificar: é possível ser absolutamente franco, pelo menos consigo mesmo, e não temer a verdade integral? Observarei a propósito: Heine afirma que uma autobiografia exata é quase impossível, e que uma pessoa falando de si mesma certamente há de mentir (DOSTOIÉVSKI, 1962, p.173-174)

Pois bem, sabendo da forte ligação que Freud manteve durante toda a sua vida com a literatura e a arte em geral, me proponho neste trabalho a estabelecer um paralelo entre *Memórias do Subsolo* e a psicanálise visando dois pontos principais: ilustrar o que a

psicanálise entende por sujeito e apontar tal obra de Dostoiévski como, de certa forma, prefiguradora da noção de Inconsciente desenvolvida pela psicanálise.

2 O LUGAR DE DOSTOIÉVSKI NA OBRA DE FREUD

Freud se utiliza de três grandes obras literárias para exemplificar o que vinha querendo dizer com seus conceitos: *Édipo Rei*, de Sófocles, *Hamlet*, de Shakespeare, e *Os Irmãos Karamázov*, de Dostoiévski.

Édipo Rei, onde o personagem central arranca os próprios olhos após descobrir que ele próprio fora o assassino do pai e que, além disso, desposara a própria mãe, era para Freud a tragédia da revelação, pois exprime uma noção central para a psicanálise: a interdição do incesto. No entanto, embora Freud nunca tenha dedicado nenhum artigo ao complexo de Édipo, Édipo Rei (e o complexo relacionado com ele) acha-se presente em toda a sua obra, desde 1897 até 1938. Em sua pena, aliás, a figura de Édipo é quase sempre associada à de Hamlet. Se Édipo Rei era para Freud a tragédia da revelação, Hamlet era o drama do recalçamento: “herói moderno, Hamlet remete ao nascimento de uma subjetividade culpada, contemporânea de uma época em que se desfaz a imagem tradicional do Cosmo.” Cabe lembrarmos aqui que, em 1927, Freud juntou à tragédia antiga e ao drama shakespeariano uma terceira vertente: Os Irmãos Karamázov. Segundo ele, o romance de Fiódor Dostoiévski era o mais freudiano dos três, pois em vez de mostrar um inconsciente disfarçado de destino (como Édipo Rei) ou uma inibição culpada, ele põe em cena, sem máscara alguma, a própria pulsão assassina, isto é, o caráter universal do desejo parricida: cada um dos três irmãos, com efeito, é habitado pelo desejo de matar realmente o pai. (ROUDINESCO, 2000, p.167) Otto Maria Carpeaux, na introdução que faz à *Irmãos Karamázov*, nos diz:

Em Dostoiévski, a freqüência de cenas de masoquismo tem uma razão pessoal: o grande escritor nunca dissimulou os seus próprios maus instintos, antes exibindo-os cruelmente nas suas obras, a menos que a censura do subconsciente o impedisse. Este último caso se deu nos *Irmãos Karamázov*. Mikhail Andreievitch Dostoiévski, o pai do escritor, foi assassinado pelos próprios servos, fato que lembra imediatamente o assassinato do velho Karamazov pelo bastardo Smerdiakov; e o romance presta-se muito bem para explicações psicanalíticas, como J. Neufeld, P. C. Squires e o próprio Freud as tentaram. Desde Sófocles, o “complexo de Édipo” não encontrou maior realização artística do que no romance em que três filhos do terrível “pai da horda” são suspeitos do parricídio, do qual é o verdadeiro culpado o quarto filho. Não há dúvida de que o conflito subconsciente está na raiz da obra. Mas a solução do conflito leva o autor para outras regiões, por assim dizer, para regiões da superestrutura da alma. (DOSTOIEVSKI, 1962^a, p.352)

Assim, Freud chegou a expressar seus pontos de vista sobre o escritor que considerava como um dos primeiros dentre todos –possibilidade que se efetivou em *Dostoiévski e o Parricídio* (1928 [1927]). O ensaio divide-se em duas partes distintas. A primeira trata do caráter de Dostoiévski em geral, de seu masoquismo, seu sentimento de culpa, seus ataques “epileptóides” e sua dúplice atitude no complexo de Édipo. O segundo debate o tema especial de sua paixão pelo jogo e conduz à de um conto de Stefan Zweig que lança luz sobre a gênese desse vício. (FREUD, 1928, p.182)

Quatro facetas Freud distingue na rica, como ele mesmo diz, personalidade de Dostoiévski: o artista criador, o neurótico, o moralista e o pecador. Freud irá, então, destrinchar cada uma dessas facetas. Segundo ele, o caráter moralista é o aspecto mais facilmente acessível. No entanto, o resultado final das batalhas morais de Dostoiévski não foi lá muito glorioso. Para Freud, depois das mais violentas lutas para reconciliar as exigências “instintuais” do indivíduo com as reivindicações da comunidade, Dostoiévski veio a cair na posição retrógrada de submissão à autoridade temporal e espiritual, de veneração pelo czar e pelo Deus dos Cristãos, e de um estreito nacionalismo russo. Assim, nos aponta Freud: “Esse é o ponto fraco dessa grande personalidade. Dostoiévski jogou fora a oportunidade de se tornar mestre e libertador da humanidade e se uniu a seus carcereiros. O futuro da civilização humana pouco terá por que lhe agradecer” (FREUD, 1928, p.182).

Sim, esse certamente deveria ser um aspecto de desprezo na personalidade de Dostoiévski segundo Freud, pois para este a religião atende, acima de tudo, a fortes e antigos anseios da humanidade: o anseio pelo pai, o anseio de defesa contra as forças esmagadoramente superiores da natureza e o anseio de retificar as deficiências da cultura. Com a religião, segundo ele, o homem realizaria uma espécie de intoxicação, que o afasta de parcelas indesejáveis da realidade, mas também do seu próprio desejo. Por fim, a religião foi incluída por Freud no rol das ilusões.(DAVID, 2003, p.7) E não podemos negar que Dostoiévski foi em grande parte da sua obra motivado por questões religiosas.

Stefan Zweig, em sua biografia de Dostoiévski, nos adverte que tal autor, como verdadeiro russo, considera que esse problema de Deus e da imortalidade “é o mais importante da vida”. Assim, do peito de Dostoiévski escapa o grito de um dos seus personagens: “Deus torturou-me durante toda a minha vida.”(ZWEIG, 1934, p.166-168) Nos damos conta da fé que Dostoiévski professava em suas idéias ao lembrarmos que durante quatro anos, que foi o tempo em que esteve condenado a trabalhos forçados na Sibéria, ele apenas leu um livro: o Evangelho.(DOSTOIEVSKI, ANO??, p.9 ->Os melhores contos...) No entanto, o que nos interessa aqui não é discutir o mérito da religião, se ela é um aspecto enobecedor ou degradante do homem, mas o que nos interessa é a particularidade desse “crente” que foi Dostoiévski. Em Stefan Zweig podemos encontrar:

E crente por ter querido crer com tanto fanatismo? Dostoiévski, o advogado mais eloqüente da verdadeira fé, o partidário da “pravoslavia”, é um poeta muito crente? Sim. Às vezes por um minuto... Seu coração é tanto de servidor de Deus, como de seu negador... Da Sibéria escreve a uma mulher: “Dir-lhe-ei que sou um filho do século, um filho da incredulidade e da dúvida, e é muito provável que o serei até o fim.”... Nunca confessou mais claramente: aspira a fé por falta de fé.(ZWEIG, 1934, p.170-171)

O Deus de Dostoiévski é o princípio de toda a inquietude, é a origem das antinomias, é, ao mesmo tempo, o sim e o não, (ZWEIG, 1934, p.167) é o que dá caráter

paradoxal aos seus personagens –estes tão ilustrativos da concepção psicanalítica do gênero humano.

Outro aspecto destacado por Freud na personalidade de Dostoiévski é a sua faceta pecadora ou criminoso, o que num primeiro momento pode despertar em nós oposição violenta, já que é visível em vários dos seus personagens o seu ideal de amor à humanidade e amor desinteressado. Isso pode ser visto, por exemplo, no príncipe Míchkin, de *O Idiota*, que o próprio autor considerou um misto de Cristo e Dom Quixote. A propósito, é bem conhecida a paixão de Dostoiévski pela imagem de Dom Quixote, que ele via como a consumação das melhores qualidades da pessoa humana –o apego à justiça e à bondade. Para Dostoiévski, a personagem de Míchkin tinha de atingir o grau supremo de evolução do indivíduo, quando ele é capaz de sacrificar-se em benefício de todos. (DOSTOIEVSKI, 2002, p.10-11) No entanto, nunca podemos esquecer do caráter paradoxal presente em Dostoiévski. Segundo Freud, a sua paixão pelo jogo e sua possível confissão de um ataque sexual a uma garotinha (tema este que aparece em *A Confissão de Stavroguin* e *A Vida de um Grande Pecador*) demonstrariam tais tendências dentro dele próprio (FREUD, 1928, p.184). Para o pai da psicanálise,

... a contradição é solucionada pela compreensão de que o instinto destrutivo muito intenso de Dostoiévski foi dirigido principalmente contra a sua própria pessoa (para dentro, em vez de para fora, encontrando assim sua expressão como masoquismo e sentimento de culpa. Não obstante, sua personalidade reteve traços sádicos em abundância, os quais se mostram em sua irritabilidade, em seu amor de atormentar e em sua intolerância inclusive para com as pessoas que amava, aparecendo também na maneira pela qual, como autor, ele trata seus leitores. Assim, nas coisas mínimas, era um sádico para com os outros, e, nas maiores, um sádico para consigo mesmo, na verdade, um masoquista, vale dizer, a pessoa mais branda, bondosa e prestimosa possível. (FREUD, 1928, p.184)

Tudo isso iremos constatar mais adiante, quando adentrarei mais especificamente em Memórias do Subsolo.

Um último aspecto do texto de Freud que quero expor aqui diz respeito à epilepsia que Dostoiévski possuía, e que é característica de vários dos seus personagens, para citar um: Smerdiakov, o filho bastardo que assassinara o velho pai Karamazov . Para Freud, é extremamente provável que a epilepsia de Dostoiévski seja uma epilepsia afetiva, ou seja, neurótica, e não uma epilepsia orgânica. No entanto, nos alerta Freud, estritamente falando, isso não pode ser afirmado com total segurança, pois para que isso fosse feito seria preciso que soubéssemos exatamente com que frequência aconteceram suas crises, desde a primeira e suas flutuações subseqüentes. Porém, os relatos fornecidos são deficientes quanto a isso. Freud levanta, então, a hipótese mais provável, onde supõe que as crises já existiam desde a sua infância, porém ocorriam de forma mais branda e ainda não tinham assumido a forma epilética. Segundo Freud, um importante fator para o desencadeamento da epilepsia de Dostoiévski deve ter acontecido no seu décimo oitavo ano de vida: o assassinato do pai. Com isso, Freud quis dizer que a crise adveio com o valor de punição pelo fato de o próprio Dostoiévski ter desejado a morte do próprio pai, ou seja, adveio para amenizar o sentimento de culpa que tinha para com o pai, que era violento e cruel por sinal. Aqui, o parricídio cometido pelo epilético Smerdiakov em *Irmãos Karamázov* e a sua vinculação com a hipótese autopunitiva das crises de Dostoiévski são sugestivas. (FREUD, 1928, p.192)

Penso ser relevante citar aqui a nota de rodapé presente nesse mesmo texto de Freud:

A melhor descrição do significado e conteúdo de suas crises foi dada pelo próprio Dostoiévski, quando contou ao seu amigo Strakhov que suas irritabilidade e depressão após uma crise epilética eram devidas ao fato de parecer a si mesmo um criminoso e não poder livrar-se do sentimento de ter sobre ele um fardo de culpa desconhecida, de ter cometido alguma grande maldade, que o oprimia (Fülöp-Miller, 1924, I.188). Em auto-acusações desse tipo, a psicanálise vê sinais de um reconhecimento da 'realidade psíquica' e esforça-se por tornar do conhecimento a consciência a culpa desconhecida. (FREUD, 1928, p.192)

Dito isto, nos aponta Freud, “é altamente provável que essa chamada epilepsia constituísse apenas um sintoma de sua neurose e devesse, por conseguinte, ser classificada como histeroepilepsia, ou seja, como histeria grave.” (FREUD, 1928, p.185) Ou seja, para Freud, se trata não apenas de epilepsia, mas de uma conversão histérica: diante da idéia intolerável, pela consciência, do desejo de morte do pai, tenta-se resgatar de outra forma esse desejo reprimido; agora a “satisfação” está nos sintomas corporais: nas convulsões musculares e depressões subseqüentes.

Qual a veracidade disso tudo? Talvez me perguntassem agora. Bom, foi a isso mesmo que se prestou o capítulo de Joseph Frank, um dos maiores biógrafos de Dostoiévski na atualidade, intitulado *Freud e a Anamnese*. Escrito, segundo ele, devido à sua “consciência das discrepâncias perturbadoras entre esse material (sobre a vida do autor) e o relato sobre Dostoiévski dado por Freud” e o mal-estar que lhe causava tal artigo (FRANK, 2002 p.123). Assim, Joseph Frank irá questionar a validade dos “fatos” da vida de Dostoiévski em que Freud se apóia para fazer suas afirmações em Dostoiévski e o Parricídio. Como ele mesmo diz: “Não desejo polemizar com as idéias ou opiniões de Freud” (sinceramente, isso me soa um tanto controverso), “mas apenas me limitar aos fatos que ele cita como suporte e seus argumentos.” Dessa forma, por exemplo, questiona a data em que Dostoiévski tivera a sua primeira crise epilética, questiona o fato do pai de Dostoiévski ter sido realmente violento e, também, assassinado. E, nesse sentido, irá dizer:

É verdade que desistir de sua crença na existência de um “trauma” infantil especialmente sério na vida de Dostoiévski teria sido fatal para a sua teoria; ele não poderia tê-la abandonado sem que visse todo o seu histórico do caso desmoronar. (FRANK, 2002 p.129)

No entanto, é aí que ele se engana e toda a sua crítica cai por terra. Em 1897, Freud abandona a “teoria da sedução”, onde a neurose teria por origem um abuso sexual real. No contato com Fliess, percebeu que nem todos os pais eram estupradores, mas, ao mesmo tempo, deu conta de que as histéricas não estavam mentindo ao se dizerem vítimas de uma iniciativa de sedução. Assim, percebeu duas coisas: que, com bastante freqüência as mulheres inventavam, sem mentira nem simulação, os atentados em causa, e segundo que, mesmo quando o fato havia realmente acontecido, ele não explicava a eclosão da neurose.

Freud então substituiu a teoria da sedução pela da fantasia. Portanto, abandona-se a noção de um trauma ao nível da realidade e adota-se a noção de um conflito psíquico entre o Inconsciente e o consciente. Por conseguinte, Freud rompe nesse momento com a religião do testemunho ou da confissão quanto com o ideal cientificista da sexologia. Como nos diz Roudinesco: *“Para ele, não se tratava de julgar o sexo, nem de torná-lo transparente ou espetacular, mas de deixar que ele se exprimisse da maneira mais normal e mais verdadeira.”* E ainda:

Se continuarmos tributários da teoria da sedução, correremos o risco de considerar que um trauma é responsável, em si mesmo, por uma destruição definitiva para quem o sofre. Nesse sentido, oculto das vítimas é equivalente ao determinismo biológico que dá a entender que as crianças maltratadas por seu meio, ou violentadas em circunstâncias extremas serão forçosamente delinqüentes.(...) Ora, foi contra esse preconceito tenaz que Freud se ergueu ao renunciar à sua teoria. Nada jamais é decidido de antemão: a infelicidade não está inscrita nos genes nem nos neurônios. (ROUDINESCO, 2000, p.71-77)

A propósito, vale lembrar que, como o próprio Joseph Frank percebeu, “existe uma base objetiva muito pequena para as humilhações do homem do subterrâneo (...) Isso porque ele vive num mundo puramente imaginário e distorce e exagera tudo com que entra em contato.” (FRANK, 2002, p.460). E é justamente a essa dimensão que vai ser dada maior primazia numa análise, onde importa o que sujeito diz, o que povoa o seu imaginário, a sua

própria visão dos fatos –e não os fatos propriamente ditos; enfim, é também daí mesmo que podemos dizer que a análise não se presta a uma investigação policial, mas a uma investigação do desejo sobretudo.

Agora percebo nitidamente que, em virtude da minha vaidade ilimitada e, provavelmente, do alto padrão que estabeleci para mim mesmo, eu me olhei muitíssimas vezes com uma furiosa insatisfação, que beirava a repugnância, e assim eu atribuía mentalmente a todos a mesma opinião(...) Eu também sabia muito bem, mesmo então, que eu estava exagerando monstruosamente os fatos. (FRANK, 2002, p.460)

3 MEMÓRIAS DO SUBSOLO

“Sou um homem doente... um homem mau. Um homem desagradável.” (DOSTOIEVSKI, 1962b, p.143) Assim Dostoiévski dá início a Memórias do Subsolo –de forma um tanto negativa, diriam vocês. No entanto, como Joseph Frank diz sobre essa obra, “não se pode entender corretamente o texto sem apreender a interação desses dois níveis, os quais se interpenetram para motivar tanto as idéias do homem do subterrâneo quanto seu comportamento.” (FRANK, 2002, p.428). Assim sendo, quero enfatizar de início que a articulação entre tal texto e a psicanálise reside justamente aí, no que o homem do subterrâneo não rejeita inteiramente a razão ou as leis da consciência, mas, pelo contrário, o que possibilita tal articulação é justamente o fato de que o homem do subterrâneo, estrategicamente, irá “destruir os seu inimigos a partir de dentro” (FRANK, 2002, p.432), e para tanto irá acolher o aspecto racional do ser humano porém irá levá-lo às últimas conseqüências, se deparando então com o ser humano na sua face paradoxal, na sua condição desejante, para além da razão.

Para tanto, Dostoiévski irá se utilizar da paródia, ou seja, irá tomar episódios específicos do livro de Tchernichévski, porém invertendo o sentido desses episódios no 58 *Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise*. v.5, n.1: 48-73, jun. 2007.

contexto original. (FRANK, 2002, p.431). Assim, por exemplo, o homem do subsolo irá dizer, aproveitando-se de termos usados pela ciência, que todo seu mal-estar é consequência da sua “consciência hipertrofiada”;o que não é senão uma paródia da concepção de Tchernichévski,segundo o qual não haveria espaço para o livre-arbítrio, uma vez que todo ato humano seria determinado pelas “leis da natureza”. O homem do subsolo comparece então levando tal idéia às últimas conseqüências: a inércia.

Afinal de contas, eu provavelmente nunca saberia o que fazer com minha magnanimidade – nem perdoar, porque meu ofensor pode ter me esbofeteado em obediência às leis da natureza; nem esquecer,pois, mesmo que se trate das leis da natureza, ainda assim é ofensivo”, e mais a frente conclui, “o resultado direto da consciência é a inércia –isto é, o ato de ficar conscientemente sentado de braços cruzados. (FRANK, 2002, p.440)

Podemos então, penso eu, dizer que se o homem do subsolo se põe a tagarelar é, para além de uma forma de manifestar toda a sua indignação, para demonstrar a dimensão positiva que há no negativo:

E, aliás, quereis saber de uma coisa? Estou certo de que a nossa gente do subsolo deve ser mantida à rédea curta. Uma pessoa assim é capaz de ficar sentada no subsolo durante quarenta anos, mas, quando abre uma passagem e sai para a luz, fica falando, falando, falando.. (DOSTOIÉVSKI, 1962b, p.172).

Assim, aproveitando para lembrar que não faço com “dimensão positiva” qualquer relação com o ideal positivista (aliás, pelo contrário, se posso apontar algo que constitui alvo de críticas durante todo o texto, afirmo-lhes: trata-se do ideal positivista), o homem do subsolo irá tomar o rancor como única causa válida para se insurgir contra toda tentativa de eliminação da liberdade de ação do homem:

Aliás, não entendo níquel da minha doença e não sei, ao certo, do que estou sofrendo. Não me trato e nunca me tratei, embora respeite a medicina e os médicos. Ademais, sou supersticioso ao

extremo; bem, ao menos o bastante para respeitar a medicina (sou suficientemente instruído para não ter nenhuma superstição, mas sou supersticioso). Não, se não quero me tratar é apenas por uma questão de raiva. (DOSTOIÉVSKI, 1962b, p.145).

Elementos contraditórios (diria eu paradoxais, pois há aí o acolhimento da contradição, ou seja, tais elementos se afirmam juntamente a todo instante e não se repelem) fervilham dentro do nosso paradoxalista (DOSTOIÉVSKI, 1962b, p.144)., fornecendo-nos a imagem do sujeito para a psicanálise -já que, para esta, o ser humano é razão e desrazão, consciência e inconsciência, permeado por amor e ódio; concepção esta que dará margem para que Lacan forje o termo *hainamoration* (LACAN, 1972-73,p.84), do francês *haine*, que significa ódio, dando a idéia de um enamoramento que mistura amor e ódio.

Tal idéia, de que haveria no homem uma tendência oposta àquela que procura obter somente o prazer nas relações, sejam elas quais forem, aparecerá em 1920 com a publicação de “Mais-Além do Princípio de Prazer”, onde Freud instaura um novo dualismo pulsional, opondo as pulsões de vida às pulsões de morte. Tal dualismo decorreu da “compulsão à repetição”, onde Freud percebeu que o sujeito queixoso continuava a repetir as ações que lhe eram fonte de desprazer;em suma, percebeu que a fonte de desprazer era também fonte de prazer (o que Lacan mais tarde chamará por Gozo). É o que se nota comumente quando as pessoas vivem a repetir ações das quais sempre se queixam.A propósito, há algum tempo atrás andei reformulando aquele velho ditado que diz “errar uma vez é humano, duas é burrice”, pois o burro, guiado pelo instinto, jamais se queima duas vezes, enquanto nós, humanos, estamos sempre a incorrer nos mesmos erros, é como se todo dia a gente fosse lá e botasse a mão no fogo; portanto, penso que o mais certo seria “errar uma vez é burrice, duas ou mais é humano”. Mas enfim, Freud irá se referir a tal tendência como “pulsão de morte”. Freud relacionou-a igualmente com a tendência destrutiva e auto-destrutiva que havia

identificado em seus estudos sobre o masoquismo (tendência que podemos perceber em alguns personagens de Dostoiévski, inclusive no homem do subsolo). E por fim, o estabelecimento de uma relação entre essas observações e a constatação de ordem filosófica de que a vida é inevitavelmente precedida por um estado de não-vida conduziu Freud à hipótese de que existe uma pulsão cuja finalidade, como ele exprimiu em “Esboço de Psicanálise, “é reconduzir o que está vivo ao estado inorgânico.” (ROUDINESCO, 2000^a, p.631)

Segundo Freud, a teoria das pulsões é a sua mitologia, pois, particularmente o conceito de pulsão de morte, nos remete a um além que muito facilmente pode ser identificado ao misterioso e ao inefável. Isso porque ela, a pulsão, é um conceito-limite, refere-se ao corpo, mas não é o corpo e seu objeto é impreciso (GARCIA-ROZA, 1986, p.632). Aliás, foi por isso mesmo que Freud reservou o “instinto” para se referir aos animais e a “pulsão” para falar do Homem. Com isso, quis mostrar que o ser humano é capaz de subverter qualquer padrão pré-estabelecido, qualquer classificação que o pré-determine, até mesmo os padrões biológicos –os homossexuais, para citar um exemplo, mostram isso, ou seja, o simples fato de ter pênis não justifica uma escolha heterossexual. Assim, Lacan sublinhou que, para apreender a essência do funcionamento pulsional, é preciso conceber o objeto como da ordem de um oco, de um vazio, designado de maneira não representável: o “objeto pequeno a”.(ROUDINESCO, 200^a, p. 632) Este não é senão o objeto enigmático fundante do desejo, objeto causa de desejo, o qual nunca nos é dado possuir, pois a todo momento nos escapa; daí, o *objeto pequeno a* é aquilo que, se num primeiro momento nos promete a satisfação, num segundo momento irá nos revelar a nossa falta-a-ser, a nossa já conhecida “a eterna insatisfação”.

Bom, por que resolvi falar em “pulsão” e “objeto pequeno a” logo agora? Porque, reparem, a arte em geral atesta isso a todo instante: a volatilização e a perda do objeto pretendido (o objeto pequeno a) e a paradoxal indeterminação de nossos desejos (a pulsão). De certa forma, poderíamos dizer que todos nós, e não apenas artistas, somos testemunhas disso. No entanto, é interessante notarmos aqui como os artistas presenciam isso em suas obras, como eles convivem com o “vazio”, com a falta na existência, ao invés de tentar calar-lhe, o que é, em verdade, o objetivo último da ciência; sim, qual é o objetivo último da ciência senão tapar o “buraco” da existência, senão eliminar em absoluto a falta que opera em nós? E daí a subversão operada pela psicanálise com relação ao saber científico na virada do século XIX, pois ela não é e nem pretende ser um saber absoluto; daí também a sua semelhança enorme com o modo artístico de operar (aliás não é à toa que faço este paralelo entre a arte de Dostoiévski e a psicanálise). Como diz Sérgio Nazar David: “ A psicanálise é uma teoria sobre o Homem que não chega para dizer a Verdade, mas sim para indagar uma terra sempre estrangeira, o inconsciente.” (DAVID, 2003, p.8-9) Vejamos a respeito a ilustração do nosso camundongo:

A minha maldade, em virtude mais uma vez dessas execráveis leis da consciência, está sujeita a decomposição química. Quando se repara, o objeto volatiliza-se, as razões se evaporam, não se encontra o culpado, a ofensa não é mais ofensa, mas fatum, algo semelhante a dor de dentes, da qual ninguém é culpado, e, por conseguinte, resta mais uma vez a mesma saída, isto é, bater no muro do modo mais doloroso. Assim, desiste-se por não se ter encontrado a causa primeira. Mas experimenta apaixonar-te cegamente pelo teu sentimento, sem discussão, sem uma causa primeira, repelindo a consciência ao menos durante esse período. Odeia ou ama, apenas para não ficares sentado de braços cruzados. Depois de amanhã, o mais tardar, começarás a odiar-te, porque ludibriaste a ti mesmo conscientemente. Resultado: uma bolha de sabão e a inércia. Ah, senhores, é possível que me considere um homem inteligente apenas porque, em toda a minha vida, não pude começar nem acabar coisa alguma. Admitamos, admitamos que eu seja um tagarela, um tagarela inofensivo, magoado, como todos nós. Mas que fazer, se a destinação única de todo o homem inteligente é apenas a tagarelice, uma intencional e vazia tagarelice. (DOSTOIEVSKI, 1962b, p.156)

O homem do subsolo se deu conta disso, se apercebeu do sentimento de prazer que tinha nos momentos em que menos tinha razão para isso, sentia prazer na degradação de si próprio, sentia prazer nos momentos em que deveria sentir ojeriza. Isso ilustra bem o que Freud irá chamar por pulsão: não há como determinar previamente qual será o objeto investido afetivamente por cada sujeito, por exemplo: enquanto alguns sentem prazer como senhores, capatazes, outros sentem prazer como servos, escravos, sentem prazer no próprio desprazer –e isso muitas vezes acontece ao mesmo tempo. Podemos notar esse sentimento paradoxal, por exemplo, na segunda parte do texto, intitulada “A Propósito da Neve Molhada”, onde o homem do subsolo trava relação com uma prostituta chamada Lisa. Bom, num determinado momento, ao passar na frente do espelho, o homem do subsolo pensa: “Meu rosto transtornado pareceu-me extremamente repulsivo, pálido, rancoroso, detestável, com o cabelo em desalinho. Não importa, estou contente com ele, estou contente por parecer a ela repulsivo; gosto disso.” (DOSTOIEVSKI apud FRANK, 2002, p.467) Penso ser relevante aqui lembrar que, segundo o nosso camundongo, ele apenas consegue perceber isso por causa de sua grande inteligência, de sua consciência hipertrofiada. (DOSTOIEVSKI, 1962b, p.147)

Aqui está um dado importante: como é possível levar adiante a proposta que fiz – apontar em Memórias do Subsolo uma certa prefiguração do Inconsciente freudiano- se, no entanto, o anti-herói (como ficará mais claro mais adiante) do texto vangloria-se de sua hiper-consciência? Porém, alerta-lhes: do que é que ele, o homem do subsolo, tem consciência senão de uma dimensão outra dentro de si mesmo, para além do aspecto racional que vigora no psiquismo e que insiste em permear seus atos? Fica evidente nesse texto que, se o homem do subsolo argumenta em prol da sua consciência, promovendo assim uma “reação humana total” com relação ao Palácio de Cristal de Tchernichévski, que se trata de uma consciência Outra, que abrange um lado inteiramente subversivo no Homem, de uma

racionalidade Outra, que persiste em escapar a todas formas de determinação esperadas. Dessa forma, ainda que não possamos falar do Inconsciente propriamente dito, assim como falou Freud, em Memórias do Subsolo há um vislumbre muito forte de tal noção, de algo que impulsiona o ser humano em suas ações e que opera de outra maneira, de forma não inteiramente racional; e é assim que o homem do subterrâneo nos atesta que há um fundo de indeterminação no ser humano que nunca poderá ser abarcado totalmente –o que representaria a morte do aspecto singular do homem. Aliás, foi isso que ele quis dar a entender ao dizer que *dois mais dois* (igual a quatro) *não são mais a vida, meus senhores, mas o começo da morte*; e ainda: *Estou de acordo que dois mais dois são uma coisa admirável, mas se é para se elogiar tudo, então dois mais dois são cinco também constitui às vezes uma coisinha muito simpática*. Exemplo esse que será retomado por Fernando Sabino, no conto “Dois e Dois são Cinco”, e que talvez por coincidência, o que é curioso pensarmos, é colocado também em *Lacan Elucidado*, na parte onde irá tratar da “Introdução ao Inconsciente”.

Pensai no seguinte: a razão, meus senhores é coisa boa, não há dúvida, mas razão é apenas razão e satisfaz apenas a capacidade racional do homem, enquanto que o ato de querer constitui a manifestação de toda a vida, isto é, de toda a vida humana, com a razão e com todo o coçar de cabeça. E embora a nossa vida, nessa manifestação, resulte alguma vezes em algo bem ignóbil, é sempre a vida e não apenas a extração de uma raiz quadrada. Eu, por exemplo, quero viver naturalmente para satisfazer toda a minha capacidade vital, e não apenas a minha capacidade racional, isto é, a vigésima parte de toda esta capacidade vital. Que sabe a razão? Somente aquilo que teve tempo para conhecer (algo, provavelmente, nunca chegará a saber; embora isto não constitua consolo, por que não o expressar?), enquanto que a natureza humana age em sua totalidade, com tudo o que nela existe de consciente e de inconsciente e, embora minta, continue vivendo (DOSTOIEVSKI, 1962b, p.164-165)

O homem do subsolo continua, então a argumentar no sentido de que o ser humano não pode ser compreendido unicamente por aquilo que se apresenta apenas como ínfima parte de sua capacidade vital. Logo, entra em questão o tema da liberdade. Essa, segundo ele, seria a vantagem mais importante e preciosa ((DOSTOIEVSKI, 1962b, p.160)
64 *Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise*. v.5, n.1: 48-73, jun. 2007.

do Homem. Por quê? Pois sem a liberdade seríamos meras “teclas de piano”, e não homens, como ele mesmo diz. Dostoiévski insiste nisso, pois, é preciso lembrarmos, vivia ele o período dos grandes e totalizantes sistemas filosóficos, onde não havia espaço para a singularidade, período em que a ciência demonstrava claramente sua ambição de tudo controlar e prever. Assim, tentava-se eliminar tudo que manifestasse alguma irregularidade no mundo. Vivia-se a metáfora da máquina, um mundo newtoniano, mecânico, não havendo lugar, portanto, para o acaso dos afetos.

Dessa forma, buscava-se eliminar aquilo de mais precioso que o Homem possui, a “maior das vantagens”, a sua própria liberdade de escolha, a sua própria vontade, seu aspecto mais fundamental: o aspecto desejante. A propósito, é nesse mesmo ponto em que podemos dar conta de mais uma importante semelhança entre a literatura dostoiévskiana e o pensamento psicanalítico: ambas subvertem o ideal de ciência para dar primazia ao sujeito, ao sujeito desejante. Freud, ao fundar a psicanálise, irá dizer o quê? Que o sujeito é, antes de mais nada, sujeito de desejo –desejo que está fortemente arraigado no inconsciente. Com isso, a psicanálise quis nos mostrar que o ser humano está para muito além do nível da necessidade, aliás, está ele muito mais ao nível do desejo do que para o da necessidade. Podemos dizer o mesmo de outra forma: o Homem está ao nível da pulsão e não do instinto. Daí, então, em 1905, Freud concebe a sexualidade como aberrante e polimorfa em relação aos fins reprodutivos, tendo o prazer como meta e vindo só secundariamente servir à reprodução. (WAGNER, 2004, p.4).

Em Memórias do Subsolo podemos notar que o próprio Dostoiévski já ressaltava o aspecto desejante do ser humano como sendo de fundamental importância, pois é só a partir desse aspecto que podemos pensar a liberdade do Homem. Está aí um fator essencial para compreendermos o que se passa nas críticas que o homem do subsolo faz às

concepções idealistas e aos saberes totalizantes em geral. A ciência, por exemplo, na busca de um saber absoluto e completo, que tudo prevê e tudo sabe, em seus edifícios classificatórios procura manipular todas as “variáveis”, pois só assim seria possível obter a reprodução desejável de um experimento; me explico: o conhecimento científico está fundado no caráter necessário das coisas e, portanto, um dos seus pressupostos, para que um conhecimento possa ser validado como verdadeiro, é a reprodução fidedigna do experimento; ou seja, parte-se do pressuposto de que o conhecimento verdadeiro das coisas deve ser necessário, e não casual, pois que “a verdade” nunca poderia ser acidental, aleatória. E isso só seria possível de uma maneira: eliminando a liberdade, a livre decisão do homem, ou seja, tornando-o uma “tecla de piano”. E, para que isso ocorresse, seria preciso a anulação do próprio sujeito enquanto sujeito de desejo (justamente o que quis dizer Aldous Huxley em *Admirável Mundo Novo*). Assim, ao preservar no Homem o seu caráter desejante, “a vantagem mais vantajosa”, como nos diz o homem do subsolo, que não era senão a liberdade, tanto a psicanálise quanto o homem do subsolo acolhem a aleatoriedade e o acaso enquanto dimensões essenciais para compreendermos o ser humano:

Aceitais acaso a tarefa de determinar com absoluta precisão em que consiste a vantagem humana? E se porventura acontecer que a vantagem humana, alguma vez, não apenas pode mas deve até consistir em que, em certos casos, desejamos para nós mesmos o prejuízo e não a vantagem? E, se é assim, se pelo menos pode existir tal possibilidade, toda regra fica reduzida a nada. O que achais? Acontecem tais casos? ... Mas eis o que é surpreendente: por que sucede que todos esses estatísticos, mestres de sabedoria e amantes da humanidade, ao computar as vantagens humanas, deixam de mencionar uma delas? Nem sequer a incluem no cômputo, na forma em que deve ser tomada, mas é disso que depende todo o cálculo. (...) Mas a ruína está justamente em que esta vantagem complicada não cabe em nenhuma classificação e não se enquadra em nenhuma lista! (...) Mais ainda: então, dizeis, a própria ciência há de ensinar ao homem (embora isto seja, a meu ver, um luxo) que, na realidade, ele não tem vontade, nem caprichos, e que nunca os teve, e que ele próprio não passa de uma tecla de piano ou de um pedal de órgão; e que, antes de mais nada, existem no mundo as leis da natureza; de modo que tudo o que ele faz não acontece pela sua vontade, mas espontaneamente, de acordo com as leis da natureza. Conseqüentemente, basta descobrir essas leis e o homem não responderá mais pelas suas ações, e a sua vida tornar-se-á sobremaneira fácil. Todos os atos humanos serão calculados, está claro, de acordo com essas leis, matematicamente, como uma espécie de tábua de logaritmos até 108.000, e registrados num calendário. (...) E, com efeito, se realmente se encontrar um dia a fórmula de todas as nossas vontades e caprichos, isto é, do que eles dependem, por que leis precisamente acontecem, como se difundem, para onde anseiam dirigir-se, neste ou naquele caso, etc. etc., uma verdadeira fórmula

matemática, então o homem será capaz de deixar de desejar, ou melhor, deixará de fazê-lo, com certeza. Ora, que prazer se pode ter em desejar segundo uma tabela? Mais ainda: no mesmo instante, o homem se transformará num pedal de órgão ou coisa semelhante, pois que é um homem sem desejos, sem vontade, senão um pedal de órgão? Que pensais disso? Calculemos as probabilidades: pode tal coisa acontecer ou não? (DOSTOIEVSKI, 1962b, p.158-163)

Antes um sujeito errante do que uma tecla de piano, é o que nos diz o homem do subsolo. E, dessa forma, ironiza a idéia do “palácio de cristal”, de Tchernichévski, espécie de sociedade perfeita onde tudo estaria previamente calculado e as relações entre os homens se dariam na mais completa harmonia. Segundo Tchernichévski, o homem comete ignomínias unicamente por desconhecer os seus reais interesses, de forma que bastaria instruí-lo, abrir-lhe os olhos para os seus verdadeiros e normais interesses, para que ele deixasse imediatamente de cometer essas ignomínias e se tornasse no mesmo instante bondoso e nobre; isso porque é sabido que ninguém é capaz de agir conscientemente contra seus próprios interesses. (DOSTOIEVSKI, 1962b, p.157). No entanto, mais uma vez entra em cena o caráter subversivo do nosso camundongo. Segundo este, se olharmos a nossa história, não veremos senão casos em que o Homem investiu justamente contra aquilo de que ele falava, se arriscando a todo momento ao enveredar por caminhos totalmente desconhecidos e incertos. Tudo isso Dostoiévski concebe, pois parte ele de outra ordem, parte ele do fundo de desrazão que há no Homem; diria eu, parte ele do inconsciente, e apenas por causa disso é que o homem do subsolo critica o sonho de uma sociedade perfeita, inteiramente racional e perfeita, pois qual seria o lugar do Homem aí? Numa sociedade onde só se admite ações racionais, “sensatas”, haveria sequer um mísero espaço para o Homem? Assim, no que cantou Vinícius de Moraes: “*A insensatez que você fez, coração mais sem cuidado, fez chorar de dor o seu amor*”, podemos ver, o Homem é capaz de corromper aquela que é a relação mais idealizada entre nós, aquela mesma, primeiramente, que seria a mais investida por ser capaz de prometer a satisfação plena -o que, de fato, nunca acontece. E tudo isso por causa da nossa insensatez,

Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise. v.5, n.1: 48-73, jun. 2007. 67

uma das principais características da humanidade. Dostoiévski ilustrou bem isso em “O Sonho de um homem ridículo”, onde o protagonista da história, um homem que pensava em se suicidar, em sonho, é levado por seres não humanos a um lugar inteiramente harmonioso, de seres inteiramente inocentes. No entanto, ao fim tal protagonista, humano por sua vez, acaba por corromper esse paraíso, contaminando com a sua presença um lugar inocente até a sua chegada, e os seres que ali habitavam então aprenderam a mentir e chegaram mesmo a deleitar-se com ela. (DOSTOIEVSKI, 1991, p. 147)

Em Memórias do Subsolo, o camundongo se levanta mais uma vez contra aqueles que acreditam na possibilidade de uma sociedade controlada inteiramente pelas leis da razão, para a qual teria de ser eliminado o sujeito de desejo juntamente com a sua liberdade para apontar o além-da-razão inerente ao humano, ao contrário do Palácio de Cristal de Tchernichévski, onde se descreve um sonho sobre a futura sociedade socialista:

Então –sois vós que o dizeis ainda –surgirão novas relações econômicas, plenamente acabadas e também calculadas com precisão matemática, de modo que desaparecerá num instante toda espécie de perguntas, precisamente porque haverá para elas toda espécie de respostas. Erguer-se-á então um palácio de cristal. (...) É verdade, porém: o que o homem não é capaz de inventar por fastio! (...) Realmente, eu, por exemplo, não me espantaria nem um pouco se, de repente, em meio a toda sensatez futura, surgisse algum cavalheiro de fisionomia pouco nobre, ou melhor, retrógrada e zombeteira, e pusesse as mãos nas ilhargas, dizendo: pois bem, meus senhores, não será melhor dar um pontapé em toda esta sensatez, unicamente a fim de que todos esses logaritmos vão para o diabo, e para que possamos mais uma vez viver de acordo com a nossa estúpida vontade?! (DOSTOIEVSKI, 1962b, p.162)

E caminhando para o “fim” desta obra, Dostoiévski irá ainda levantar um argumento que pode nos fazer pensar que aquilo que põe a par de semelhança psicanálise e Memórias do Subsolo não é senão uma concepção trágica da existência em ambas:

(...) é que isto não é mais literatura, (...) um romance precisa de um herói e, no caso, foram acumulados intencionalmente todos os traços de um anti-herói, e, principalmente, tudo isto dará

uma impressão extremamente desagradável, porque todos nós estamos desacostumados da vida, todos capengamos, uns mais, outros menos. Desacostumamo-nos mesmo a tal ponto, que sentimos por vezes certa repulsa pela “vida viva”, e achamos intolerável que alguém a lembre a nós. Chegamos a tal ponto que a “vida viva” autêntica é considerada por nós quase um trabalho, um emprego, e todos concordamos no íntimo que seguir os livros é melhor.(...)E, no que se refere a mim, apenas levei até o extremo, em minha vida, aquilo que não ousastes levar até a metade sequer, e ainda tomastes a vossa covardia por sensatez, e assim vos consolastes, enganando-vos a vós mesmos. (...) Somos natimortos, e há muito tempo já que não nascemos de pais vivos, e isto nos agrada cada vez mais. Em breve, inventaremos algum modo de nascer de uma idéia. (DOSTOIEVSKI, 1962b, p.252-253).

Esse momento se faz propício para pensarmos o que foi que fez com que Édipo e Antígona, por exemplo, fossem caracterizados como heróis trágicos por excelência, ao inverso dos heróis épicos. O surgimento da literatura no Ocidente se deu através de uma perspectiva épica, onde os heróis eram aqueles que se sobrepunham à natureza, distintos do todo e dos deuses, ressaltados por seus feitos gloriosos e identificados ao Um –como pode ser visto em *Ilíada* e *Odisséia*, ambas de Homero e escritas cerca de 800 anos antes de Cristo. Já as primeiras e principais tragédias das quais se tem notícia, entretanto, foram elaboradas por Ésquilo, Sófocles e Eurípedes –entre os séculos IV e V antes de Cristo- e o que se apresenta nelas é algo bem diferente. (MAURANO, 2004, p. 22-23). Nas tragédias o que fica evidente não é o apelo à medida, ao Pai e à delimitação, mas, ao contrário, o que aí vigora é a convocação à desmedida, à *hybris*.

É justamente a partir dessa diferenciação entre o herói épico e o herói trágico que podemos compreender porque Lacan, num segundo momento de sua obra, irá dizer que é enquanto homem comum que a via para o herói trágico se efetiva. Essa afirmativa decorre do fato de que o herói trágico não é aquele que se destaca da massa para ser exaltado como ser superior, mas é aquele que se depara com a sua finitude e não refuga diante dela. Édipo, por exemplo, ao descobrir que matara seu próprio pai e casara-se com sua mãe, irá furar os próprios olhos e “retomar o caminho do exílio, desta vez acompanhado por sua filha,

Antígona, até a aldeia de Colona, perto de Atenas, onde desaparece de forma misteriosa.”¹ A ele não serão erguidas belas estátuas. Assim, a ética psicanalítica, como diz Lacan, vem apontar justamente para o que constitui a *experiência trágica da vida*, onde o sujeito enquanto desejante se vê confrontado com sua própria castração, ou seja, com sua própria finitude e limitação. O homem trágico é um sujeito dilacerado por “contradições”, numa encruzilhada quanto à ação. Aspectos estes que nos fazem compreender por que tanto Freud como Lacan se interessaram tanto pelas tragédias. E isso acontece porque a psicanálise não apenas lida com um sujeito dividido como também problematiza a dimensão da responsabilidade da ação humana. (RINALD, 1996, p.103-104)

A tragédia, em último termo, ao contrário do drama, irá apontar para a celebração da vida em todos os seus aspectos e não apenas em sua face gloriosa, incluindo aí a morte e tudo aquilo que nos escapa. Lacan, então, irá retomar a tragédia para mostrar que nessa o que se evidencia é a zona limite entre o desejo e a morte; e, ao contrário de Freud, retoma a tragédia não mais como um drama familiar, mas como um confronto do desejo do herói com os valores da Cidade. (RINALD, 1996, p.104)

Bom, se Dostoiévski referiu-se ao homem do subsolo como um anti-herói, prefiro tratá-lo sim como um herói, mas antes como um herói trágico – e não épico- já que não se trata nessa obra de uma exaltação gloriosa do personagem, mas de seu próprio reconhecimento enquanto sujeito de desejo e da vontade de não recuar diante de tudo aquilo que nele está implicado. Há um certo ímpeto de guerra no homem do subsolo, ímpeto que faz com que ele, ainda que reconheça sua castração, sua falta-a-ser, insista em conviver com ela ao invés de negá-la.

¹Obra de Sófocles, traduzida da versão inglesa por Jean Melville. *Édipo Rei/Antígona*. Coleção A Obra Prima de Cada Autor, Ed Martin Claret; p.124.

Em *Torções do Gozo*, de Denise Maurano, iremos encontrar: *Para a tragédia, o barroco e a psicanálise, o valor da vida não se afirma pela glória da imortalidade, e se há uma afirmação da vida é pelo valor intrínseco a ela mesma, valor esse que não recalca a relação e mesmo a fascinação pela morte, relação em último termo ao irrepresentável. Nelas, o que causa horror não é encoberto ou negado, mas transfigurado de maneira a poder ser afirmado. Nesses campos é a perspectiva do movimento, da dinâmica, que ganha a cena.*(MAURANO, 2004, p. 24)

Assim, barrocamente é dado “fim” à essa obra aberta:

Sem dúvida, ainda não terminam aqui as “memórias” deste paradoxalista. Ele não se conteve e as continuou. Mas parece-nos que se pode fazer ponto final aqui mesmo. (DOSTOIÉVSKI, 1962b, p. 223)

REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, Joel. **Freud e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003. Coleção Passo-a-Passo.

DAVID, Sérgio Nazar. **Freud e a Religião**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003. Coleção Passo-a-Passo.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **O Idiota**; tradução de Paulo Bezerra; desenhos de Oswaldo Goeldi – São Paulo: Ed. 34, 2002.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **Os Irmãos Karamázov**. Tradução Rachel de Queiroz; xilogravuras Oswaldo Goeldi. Rio de Janeiro: José Olympio Ed. 1962a –Obras completas e ilustradas.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **Memórias do Subsolo**. Tradução Boris Schnaiderman. Vol. X; Rio de Janeiro: José Olympio, 1962b, X v., Obras completas e ilustradas.

Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise. v.5, n.1: 48-73, jun. 2007.

- DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. **Os Melhores Contos de Dostoievski**. Tradução Ruth Guimarães. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1991.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: os efeitos da libertação**. Tradução Geraldo Gerson Souza. São Paulo: EdUSP, 2002.
- FREUD, S. (1928) Dostoiévski e o Parricídio. *In: Obras Completas ESB*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XXI.
- GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e Repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LACAN, J. **Séminaire XX, Encore** (1972-73), Paris, Seuil. 1991.
- MAURANO, Denise. **Torções do Gozo: o barroco à luz da psicanálise**. Inédita. 2004. Tese (Pós-doutorado em Letras). PUC/RJ, Rio de Janeiro, 2004.
- RINALDI, D. **A Ética da Diferença: um debate entre psicanálise e antropologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Jorge Zahar, 1996.
- ROUDINESCO, E. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000a.
- ROUDINESCO, E. **Por que a Psicanálise?** Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000b.
- WAGNER, Bruno. Barraco d'Um: um desmanche à meia-luz da psicanálise. *In: Psicanálise e Barroco*. Juiz de Fora: ano 2. n. 4. 2004. Disponível em; <www.psicanaliseebarroco.pro.br>.
- ZWEIG, S. **Dostoiewski..** Tradução Heitor Moniz. Rio de Janeiro: Guanabara, 1934.

**THE UNDERGROUND OF ONE AND OTHER FREUD IN DOSTOIÉVSKI OR
DOSTOIÉVSKI IN FREUD?**

ABSTRACT:

Glory yourself on yours conscience, but in reality, only hesitate, because even so yours brain function, your heart is obscured by the perversion and, without a pure heart, can not be fully conscience correct. And that ability to be inconvenience, that insistence, how you bore! Lie, lie, lie!

KEY-WORDS: Dostoievski. Freud. Underground.

© 2007 *Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise*
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura
CEP: 36036-330 – Campus Universitário – ICH
Juiz de Fora, MG – Brasil.
Tel: (32)2102 3117

dmaurano@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br